



AUTORIA E REPRESENTAÇÃO: O PROJETO GRÁFICO

Octavio Mendes*

“Será para sempre impossível sabê-lo, pela boa razão de que a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve”

(Roland Barthes — A morte do autor)

A revista *Indisciplinar* apresenta-se como uma revista plural. Múltiplos temas e abordagens acerca da vida contemporânea são apresentados no decorrer da publicação. Essa dinâmica de abordagem da revista — isto é, não uni-temática — muito diz respeito à questão da vivência humana no contexto contemporâneo e em certas especificidades dela — fatores tais como a multidão, a cidade enquanto urbanidade, entre outros. Assim, é uma revista que se pretende dentro e na sociedade. Para tal, demandou-se a criação de uma linguagem gráfica para a revista que se inter-relacione com as questões levantadas e que fuja à tradição de diagramação rígida das revistas acadêmicas.

Nesse contexto, nós, pesquisadores do *Indisciplinar* responsáveis pela elaboração do projeto gráfico da revista, nos encontramos dentro de uma problemática: como se adequar a esses múltiplos contextos e abordagens apresentadas pelos textos sem, contudo, partir do pressuposto de uma linguagem única e genérica? Para tal, foi preciso, dentro do grupo de pesquisa, discutir como abordar a questão do projeto gráfico. Isto é, que metodologia de abordagem das informações nós adotariamos? Para tal, alguns desenvolvimentos teóricos nos foram de suma importância.

O autor no contexto contemporâneo

“Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura. (...) cujas palavras só podem explicar-se através de outras palavras, e isso indefinidamente”

(Roland Barthes — A morte do autor)

A noção de design aliado ao ato político — entendido como ação dentro da sociedade e que trata dos assuntos acerca e dentro dela — é de grande interesse para o grupo de pesquisa Indisciplinar. Os projetos gráficos desenvolvidos dentro do programa sempre estiveram a serviço (e em prol) de movimentos sociais. Aqui, a linguagem desenvolvida nunca partiu de diretrizes e pressupostos definidos pelos participantes dos programas, mas sim do “nós” dos movimentos sociais. Assim, os projetos gráficos surgiam de uma parceria, de uma relação entre os pesquisadores do programa e de militantes e ativistas, através de discussões horizontais de desejos, linguagens e ideias. A copesquisa, aqui, foi o método adotado para o desenvolvimento dessas linguagens.

Porém, no contexto da revista Indisciplinar, nos deparamos com um problema evidente: os autores do projeto gráfico são, necessariamente, o Indisciplinar. A ação nesse contexto torna-se intrincada; em um lugar que não se pretende produzir conhecimento que diga respeito a si próprio, não isolado da sociedade, é preciso discutir a função do autor e desse ato de “autoria isolada” e, a partir disso, entender como estabelecer táticas de ação que melhor se relacionem com o nosso contexto social.

Uma idéia importante é aquela desenvolvida por Barthes em “A morte do autor” e por Foucault em “O que é um autor”, acerca do que seria a autoria e o autor na sociedade. Este segundo postula que

autor é uma função (...) característica do modo de existência, da circulação e funcionamento de determinados discursos no interior da sociedade. (FOUCAULT)

Assim, tornam-se importantes para nós as seguintes questões: quais são os modos de existência dos discursos? como ele circula na sociedade? para que tem sido usados e com que realidades ele se depara? É daqui que nossas operações de desenvolvimento do projeto gráfico partem: como propor uma linguagem que não diga a respeito de si própria como um projeto uno e conciso mas muito mais a respeito das vivências dela enquanto e sobre o discurso?

A abordagem do ato criativo feita por Duchamp, em “O ato criador”, também muito nos ofereceu na busca por respostas para esta questão. Aqui, propõe-se um entendimento de um autor/artista como um mediador de energias no “ato mediúnico”.

Ao darmos ao artista os atributos de um médium, temos de negar-lhe um estado de consciência no plano estético sobre o que está fazendo, ou por que está fazendo. Todas as decisões relativas à execução artística do seu trabalho permanecem no domínio da pura intuição e não podem ser objetivadas numa auto-análise, falada, escrita, ou mesmo pensada. T. S. Elliot escreve em seu ensaio sobre Traditions and Individual Talents: “Quanto mais perfeito o artista, mais completamente separados estão nele

o homem que sofre e a mente que cria; e mais perfeitamente a mente assimilará e expressará as paixões que são seu material”. (DUCHAMP)

Aqui, propõe-se uma negação dessa função de autor como ente consciente, “gênio artístico”, mas sim como mediação, uma relação-entre. Entre o sujeito, o material, o objeto e o dito “público”. Assim, tem-se um mictório em que se assina um nome que não é o do autor (R. Mutt), e que, enquanto objeto artístico, não diz respeito ou não se propõe enquanto reflexo das qualidades técnicas do autor; das qualidades no trato do material ou da individualidade e poder de subjetivação do autor, mas muito mais das relações que se estabelecem e se depreendem dessa nova mediação. Apresenta-se, assim, como um fator imprevisível; uma icógnita inclusa entre “o que permanece inexpresso embora intencionado e o que é expresso não intencionalmente”.

Dito isto, como propor um método de linguagem gráfica que utilize destes valores teóricos? Como propor esse não-sujeito, essa mediação quando se lida com essa variabilidade tão grande de discursos, linguagens e imagens? Que formas de abordagem podem ser estipuladas dentro desse ambiente múltiplo?

O projeto gráfico

Um artista que, aqui, muito colaborou para propormos uma nova forma de lidar com o problema da imagem foi Robert Rauschenberg (img. 1). O pintor americano é historicamente precursor do movimento *pop art* e da dita *combine painting*, propondo trabalhos híbridos que tornam menos nítidos os limites entre pintura e escultura. Mas, além disso, uma operação que Robert propõe e que é de profundo interesse para nós é o das colagens. Retirando-se imagens clássicas de seus contextos originais — tais como fotos de John F. Kennedy, galinhas, fachadas de construções, etc. — e dispondo-as umas sobre as outras, em diferentes tonalidades, Rauschenberg consegue retirar dessas imagens uma nova potência, uma nova vida — que, muitas vezes, encontra-se latente nas imagens em seus contextos originais.

Mas as condições de produção de Robert muito se diferem das nossas porque os contextos com que ele estabelecia relações não eram pré-estabelecidos, como é o caso desta revista. Assim, as operações que tivemos de realizar foram: 1. identificar quais eram as imagens-conceito inclusas dentro dos textos; 2. descobrir o que a combinação dessas imagens seria capaz de produzir; 3. descobrir que potências encontravam nesse intermeio; 4. e, dessa combinação, produzir e evidenciar energias.

Assim, passamos a identificar, imageticamente, que tipos de cenários poderíamos subtrair desses textos, discriminando, selecionando e movimentando imagens para o imaginário, transformando as

sensações ditas “cotidianas” em imagens a serem decifradas.

Desses múltiplos cenários, facetas, descobrimos múltiplas imagens, silêncios, presenças; mas como agir de forma a “escolher o cenário adequado à revista”? Decidimos, então, por não selecionar, mas utilizar essas múltiplas facetas para produzir novas potências e energias.

Espera-se, deste modo, que o leitor tenha uma experiência de leitura mais rica e aberta a partir desse cruzamento de espaços e possibilidades inventivas.

(O projeto gráfico da revista indisciplinar foi construído por André Victor, Nuno Neves e Octavio Mendes.)

*Octavio Mendes é bolsista de pesquisa do Indisciplinar com o tema Natureza Urbana e um dos responsáveis pelo projeto gráfico da revista Indisciplinar.

img 1. Robert Rauschenberg, Caryatid Cavalcade I / ROCI CHILE, 1985



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador. In: BATTCOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo. Perspectiva: 2004
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Vega: Passagens, 1992. Edição original: 1969a.
- BARTHES, Roland. A morte do Autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- Robert Rauschenberg, **Caryatid Cavalcade I** / ROCI CHILE, 1985